

O Espaço e o tempo no Jardim de infância*

Maria João Cardona**

Resumo: Será apresentada a síntese de um trabalho de investigação realizado em salas da rede pública de educação de infância do Ministério da Educação de Portugal. Partindo-se do estudo da organização do espaço e do tempo das salas de atividades, pretendeu-se chegar a uma maior compreensão das práticas educativas do Jardim de infância, assim como a uma melhor percepção de algumas das dificuldades com que se confrontam os educadores em relação à organização do seu trabalho. Foi também objetivo deste estudo a construção de instrumentos de observação, para a caracterização das práticas desenvolvidas na educação pré-escolar.

Palavras-chaves: Pré-escola, jardim de infância, educação infantil, espaço escolar

Abstract: The purpose of this paper is to present a synthesis of the research in public classes of early childhood education of the Ministry of Education of Portugal. Through the organization of the school space and the school time study we intended to increase our knowledge about the education practices in the kindergarten and about the problems of the educators with the school space organization. It was also the aim of this research to construct observation instruments for the preschool practices.

Descriptors: Preschool, kindergarten, early childhood education, school space

A organização do espaço e do tempo na sala de Jardim de infância foi o tema de um trabalho de investigação que apresentei, no final do ano letivo 89/90, na Universidade de Caen, em França, e que foi orientado pelo Prof. Albano Estrela e pelo Prof. Louis Marmoz.

A idéia de abordar esta temática derivou da participação num trabalho de investigação de formação de professores (Projecto FOCO), concebido e orientado pelo Prof.

* O tema foi trabalho apresentado em 1989, na universidade de Caen, França, orientado pelos professores Albano Estrela e Louis Marmoz, derivado de participação no projeto FOCO, de investigação sobre formação de professores. Este artigo já foi publicado nos *Cadernos do Projecto museológico sobre educação e infância*, Santarém, n. 26, 1994.

** Professora da Escola Superior de Educação de Santarém - Portugal

Albano Estrela, no qual colaborei no núcleo da educação pré-escolar, coordenado pela Prof. M^a Isabel Lopes da Silva.

Na seqüência dessa investigação, tinha surgido como evidente a importância de aprofundar o conhecimento da estrutura espaço-temporal, subjacente ao processo educativo, para uma maior compreensão das práticas de trabalho desenvolvidas

Se bem que fundamental em qualquer grau de ensino, na educação pré-escolar, devido às suas características de funcionamento, este estudo reveste-se de particular importância. É que, na ausência de uma definição prévia de conteúdos programáticos, e também devido às características das crianças que se encontram nesta fase etária, é privilegiado como ponto de partida da aprendizagem “a ação da criança sobre determinados recursos materiais (que estão organizados de forma a constituírem um ambiente educativo estimulante para o seu desenvolvimento)” (Silva, 1990, p. 49).

As salas são, geralmente, organizadas de forma a permitir às crianças a escolha de diferentes tipos de atividades. Durante o dia, existem momentos de trabalho em grande grupo, dinamizados pela educadora ou por uma das crianças e momentos de trabalho individual ou em pequenos grupos, em que é possível o desenvolvimento simultâneo de diferentes atividades. Organizar o trabalho da sala implica sempre a escolha do que pode ter lugar num espaço e num tempo determinado, nada podendo acontecer fora de uma dada estrutura espaço-temporal.

O estudo desta estrutura permite compreender a dinâmica das atividades desenvolvidas (Hall, 1983, p. 58), assim como também possibilita uma melhor percepção de algumas das dificuldades sentidas pelo educador na estruturação das suas práticas de trabalho. Na literatura pedagógica surgem diferentes propostas em relação à forma como o trabalho deve ser organizado dentro da sala de atividades do jardim de infância. Estas diferentes referências são, freqüentemente, inspiradas nas teorias da Psicologia do Desenvolvimento ou partem de uma reflexão sobre diferentes práticas de trabalho.

Segundo as teorias da Psicologia Genética, a criança aprende sobretudo através da ação/experimentação, sendo fundamental o proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante, sendo também sublinhada a importância de existir uma organização espaço-temporal bem definida, que permita à criança situar-se e funcionar autonomamente. (Hohman *et al.*, 1984, pp. 51 e 81; Gilbert *et al.*, 1988, pp.82 e 92; Sanchez, 1986, pp. 355-75).

Existem ainda numerosas referências sobre o tipo de equipamento que deve ser utilizado, assim como algumas propostas em relação à sua organização dentro do espaço da sala. Em relação à gestão do tempo, as referências são muito menos freqüentes, limitando-se sobretudo a salientar a necessidade de alternar os diferentes tipos de atividades durante a seqüência do dia.

Mas a maioria da documentação pedagógica existente refere-se sobretudo a propostas de trabalho definidas em função dos objetivos e das finalidades mais valorizados pelos seus autores, fundamentados nas diferentes correntes teóricas existentes ou nas suas próprias práticas, sem obedecer verdadeiramente a uma fundamentação científica baseada na realização de trabalhos de investigação. Esta realidade, que surge em consequência da evolução que tem tido a investigação pedagógica na educação pré-escolar, acontece principalmente devido à especificidade de funcionamento que caracteriza este nível de ensino. Devido às características mais informais da forma de trabalho dos jardins de infância, a maioria dos trabalhos de investigação que se têm realizado na educação pré-escolar têm tido como

principal objetivo a observação dos comportamentos das crianças, sem considerar as práticas pedagógicas como principal objeto de estudo.

Como referem Sylva, Roy e Painter (1980), a maioria dos trabalhos que têm sido realizados na educação pré-escolar não têm tido objetivos pedagógicos, salientando a importância de serem desenvolvidos novos estudos cujos resultados possam, de fato, ser utilizados pelos educadores de infância para um maior enriquecimento e análise das práticas educativas (pp. 8-10).

Particularmente em relação ao estudo da organização do espaço na sala de atividades, os trabalhos de investigação que têm sido realizados são escassos e têm, sobretudo, objetivos psicológicos e etológicos. Em relação ao estudo da organização do tempo, o número de trabalhos existentes é ainda mais reduzido, podendo dizer-se que é um domínio de pesquisa ainda praticamente inexistente. No entanto, nos poucos trabalhos já realizados, surge como evidente que a organização do espaço e do tempo não pode ser estudada como variáveis isoladas, tendo que ser considerada como fazendo parte integrante de um projeto pedagógico determinado.

Bronfenbrenner (1981), referindo-se à problemática do estudo científico dos processos educativos, refere que a investigação tem que ser efetuada dentro do quadro da vida real, tendo em conta que o quadro educativo é consequência de um conjunto de forças e de sistemas que não podem ser estudados isoladamente. Por um lado, temos que considerar a relação entre as características do aluno e o meio que o rodeia, definindo que este meio de que ser sempre analisado como um conjunto de diferentes estruturas (sistemas) que se entrecruzam. Nesta perspectiva, o autor define como “micro-sistema”, o meio imediato que envolve o aluno, como, por exemplo, a sala de aula.

Segundo esse autor, os principais elementos que definem o microsistema são: o espaço, no qual os seus ocupantes se envolvem em determinadas atividades segundo as características físicas e materiais existentes – ou assumindo determinados papéis, como, por exemplo, o de professor ou de aluno – durante um tempo determinado (*op. cit.*, pp. 21-2). Partindo da concepção de Bronfenbrenner, em relação ao estudo científico dos processos educativos, o estudo da classe implica obrigatoriamente a consideração dos quatro elementos seguintes, que estão sempre interligados, não sendo possível estudá-los como variáveis isoladas:

- o espaço
- o tempo
- as atividades
- os papéis sociais.

Foi considerando esta perspectiva que o presente trabalho se realizou, pretendendo-se, a partir do estudo da organização da estrutura espaço-temporal, chegar à compreensão da dinâmica da sala de atividades, sendo o tipo de interação estabelecida entre a criança, o meio envolvente e o educador concebido como um todo que caracteriza o projeto educativo.

Para além de uma melhor compreensão do que é a realidade da educação pré-escolar, foi também objetivo deste trabalho a elaboração e definição de estratégias e instrumentos de observação para a avaliação e análise das práticas educativas do jardim de infância.

O estudo realizou-se em 4 salas da rede pública do distrito de Santarém, durante o ano letivo de 1987-88. Inicialmente, foi feito um estudo prévio em 2 salas de jardim de

infância de Lisboa, para uma melhor definição da problemática a estudar, e também para uma melhor definição da metodologia a seguir, sendo construídos os instrumentos que vieram mais tarde a ser utilizados para a recolha dos dados. Para uma caracterização prévia das salas, foram construídos três tipos de fichas para recolha de dados, relativos às características da instituição, do educador e do grupo de crianças.

Antes do início das observações, foram ainda realizadas entrevistas de tipo semi-diretivo, com as 4 educadoras, em que foram abordados quais os objetivos mais valorizados e quais as principais estratégias utilizadas para a organização do trabalho, sendo sobretudo detalhadas as estratégias utilizadas em relação à organização do espaço e do tempo.

Em relação à organização do espaço-materiais, foram seguidas diferentes etapas para, a partir da sua caracterização, se compreender quais as atividades possíveis e algumas das suas características de funcionamento. Para esta caracterização, a recolha dos dados foi feita sobretudo a partir das informações dadas pelas educadoras, na impossibilidade de recolher as informações de uma outra forma.

A começar de uma esquematização da planta de cada sala, foram delimitadas as áreas de atividades existentes de acordo com as informações dadas pelas educadoras, sendo-lhes pedido que fizessem um levantamento do equipamento existente em cada uma destas áreas. Foi igualmente feito um registo fotográfico das quatro salas, para um maior rigor e compreensão da informação recolhida. A partir destas informações, foram preenchidas fichas para caracterização de todo o equipamento existente: mobiliário, materiais e materiais de *afixo* (todos os quadros de registo e outros trabalhos afixados nas paredes das salas). Essas fichas estavam organizadas em três partes:

1. Identificação do equipamento;
2. Dados de ordem estrutural (descrição, localização e arrumação);
3. Dados de ordem dinâmica (atividades possíveis a partir da sua utilização, suas características de funcionamento, principais finalidades destas atividades).

O preenchimento dos dados de ordem dinâmica foi feito em conjunto com as educadoras, sendo-lhes então fornecidas fichas para registo de posteriores alterações que viessem a ocorrer na organização do espaço e dos materiais das salas, durante o decorrer do ano letivo. Posteriormente, estes dados foram organizados em fichas que se designaram por *Fichas de caracterização das áreas de atividades*.

Em relação à organização do tempo, foram feitas diferentes observações durante o decorrer do dia de cada uma das salas. Essas observações incidiram sobre os aspectos seguintes :

- a sequência das atividades (sendo registada a forma do grupo durante o seu desenvolvimento);
- o tempo de duração de cada uma das atividades observadas.

Em cada sala foram feitas observações durante duas semanas seguidas, existindo sempre dois observadores. Estas observações foram feitas através do preenchimento de grades, que tinham sido previamente elaboradas, tendo os observadores sido treinados para a sua utilização. Após as observações, foram também entregues fichas aos educadores, para o registo de alterações que fossem feitas, posteriormente, em relação à organização do tempo, durante o decorrer do ano letivo.

Segundo Lurçat (1976), as atividades do jardim de infância podem ser classificadas segundo o grau de iniciativa que proporcionam às crianças:

- as atividades livres são aquelas que se realizam informalmente, a partir da organização do espaço-materiais e que não são diretamente dirigidas pelo educador, podendo ser quotidianamente escolhidas pelas crianças;
- e as atividades dirigidas - são as atividades de grupo, orientadas pelo educador/ou por uma das crianças e que não estão diretamente dependentes da organização do espaço-materiais. (p.45 e 95).

Utilizando esta classificação, considerou-se que era, sobretudo, o estudo deste primeiro tipo de atividades que permitiria uma maior compreensão do peso e do funcionamento da organização do espaço-materiais na dinâmica do trabalho desenvolvido. Partindo deste pressuposto, considerou-se importante analisar, mais atentamente, as características do funcionamento deste tipo de atividades em cada uma das salas. Foram, assim, realizadas observações das escolhas realizadas pelas crianças em relação a este tipo de atividades, durante uma semana, sendo, simultaneamente, feito o registro da forma como o espaço de cada sala era ocupado pelo grupo, durante o tempo de realização dessas mesmas atividades.

Para a análise dos dados, foram utilizadas diferentes estratégias:

- Organização de quadros comparativos com a síntese dos dados sobre as características da instituição, do educador e do grupo;
- Análise de conteúdo das entrevistas;
- Inventariação dos diferentes tipos de dados recolhidos, sendo definidas diferentes classificações para o estudo da organização do espaço-materiais;
- Inventariação das diferentes atividades observadas, sendo também definida uma classificação para o estudo da organização do tempo;
- Análise estatística, sendo feita uma representação gráfica das observações sobre a ocupação do espaço, em relação aos registros das escolhas das atividades livres.

A análise dos dados possibilitou o levantamento de diferentes questões que permitem uma maior compreensão sobre as características a que deve obedecer a organização do trabalho, neste grau de ensino, assim como sobre algumas das principais dificuldades sentidas pelos educadores.

Para além de se ter notado que é possível chegar a um maior conhecimento da dinâmica de trabalho das salas a partir do estudo da estrutura espaço-temporal, observou-se existir uma nítida ligação entre a forma, mais ou menos explícita, como esta é definida e a existência de um trabalho mais ou menos centrado nas iniciativas das crianças. Uma estrutura espaço-temporal bem definida e explícita é fundamental, para uma boa familiarização das crianças com o funcionamento da sala de atividades. Só conhecendo bem o espaço-materiais e o tempo é que a criança pode funcionar autonomamente em relação ao educador, conseguindo participar mais ativamente em todo o trabalho desenvolvido. Observou-se ainda que as principais dificuldades dos educadores se situam ao nível da gestão do tempo.

Se bem que o espaço da maioria das salas seja organizado de forma a favorecer o desenvolvimento de atividades livres por parte da criança, por vezes, devido à forma como o tempo é gerido, estas têm uma duração muito reduzida, ao longo do dia. Outras vezes, examina-se também a existência de um número demasiado grande de atividades, num curto espa-

ço de tempo, ou a existência de um tempo demasiado longo ou demasiado reduzido para a sua duração, sem que o educador tenha disso uma clara percepção. A gestão do tempo, quando não é suficientemente definida e explicitada, passa a ser apenas do domínio do educador, tendo como conseqüência o não corresponder às verdadeiras necessidades das crianças.

A partir da análise da organização do espaço-materiais e também a partir das informações fornecidas pelos educadores, tentou-se compreender quais as áreas de atividades mais valorizadas e qual a interferência que estas valorizações têm nas escolhas realizadas pelas crianças. Esta análise revelou que existe uma íntima ligação entre as valorizações do educador e as escolhas feitas pelas crianças, sendo esta maior nas salas em que predomina um tipo de trabalho mais estruturado pelo educador.

Os dados parecem revelar que, nas salas em que o trabalho é mais centrado no educador, as crianças têm uma maior tendência a se identificar com os valores defendidos por este, se bem que esse processo se faça de uma forma pouco explícita. Este aspecto surge como uma questão de reflexão importante. Se por um lado o jardim de infância pode ter um papel fundamental, proporcionando às crianças novas aprendizagens, por outro lado, pode correr o risco de, como refere Lurçat (1976), se tornar demasiado normativo, impondo um modelo único, sem atender às diferentes características dessas (p. 188).

O trabalho do jardim de infância tem que ser pensado de forma a respeitar as características individuais de cada criança, o que só é possível se lhes for possibilitada uma participação ativa, na organização e no desenvolvimento das diferentes atividades desenvolvidas. E para existir uma participação ativa das crianças, é fundamental a existência de uma estruturação espaço-temporal bem definida e explícita, que lhes permita um funcionamento autónomo, dentro da sala de atividades.

As atividades livres, para além do seu grande potencial educativo, podem ter um papel fundamental no estimular da participação das crianças, permitindo-lhes integrar-se gradualmente no trabalho da sala, conhecer os colegas, elaborar pequenos projetos em pequenos grupos que funcionam como mediadores, proporcionando o início da organização cooperativa do grupo. Mas, para isso, é necessário que o funcionamento deste tipo de atividades seja dinamizado, de uma forma verdadeiramente educativa.

Segundo Sylva, Roy e Painter (1980), existem dois tipos de jogo: um, onde a criança está simplesmente ocupada e outro, que contribui para o seu desenvolvimento educativo. Enquanto o primeiro funciona de uma forma rotineira e estereotipada, sendo desempenhado automaticamente, sem obedecer a um mínimo de estruturação, o segundo desperta a capacidade criadora da criança, sendo desempenhado de uma forma estruturada, havendo uma planificação das finalidades, implicando atividades cognitivamente complexas que envolvem a combinação de elementos materiais e de idéias (p. 77).

Se bem que, no seu discurso, a grande maioria dos educadores refiram a importância da participação ativa das crianças, observamos que, por vezes, não é isto que realmente se passa, durante o desenvolvimento das suas práticas de trabalho. E estas contradições parecem surgir sobretudo em conseqüência de dificuldades vivenciadas, na forma de planificação, organização do seu trabalho.

Na educação pré-escolar, não há uma definição explícita dos objetivos e conteúdos de aprendizagem, sendo apenas apontados grandes princípios, demasiado gerais para poderem funcionar como ponto de partida para a planificação das práticas educativas. Dentro deste contexto, na maioria das vezes, o trabalho evolui sobretudo a partir da planificação de estra-

tégias, sem que exista uma prévia reflexão das finalidades que lhes estão subjacentes. Tendo em conta a idade das crianças, essa informalidade pode ser um aspecto positivo, mas ela implica também algumas dificuldades em relação à gestão do que deve ser feito. A falta de explicitação dos objetivos a atingir torna complicada a tarefa de escolher quais as estratégias mais adequadas, dificuldades essas que são mencionadas pelas próprias educadoras.

Essas dificuldades de planificação do trabalho refletem-se na forma de organização do espaço-materiais e sobretudo na forma de gestão do tempo, condicionando o desenvolvimento das práticas educativas.

É fundamental refletir sobre essas questões desde o início da formação inicial. O trabalho da formação, muito mais do que ensinar diferentes técnicas de trabalho, tem que proporcionar aos futuros educadores estratégias de reflexão e análise que lhes permitam observar criticamente as diferentes práticas de trabalho, atendendo às diferentes finalidades e concepções teóricas que lhes estão subjacentes.

Dentro deste contexto e no âmbito deste estudo, foram construídas algumas fichas de trabalho que têm como objetivo proporcionar uma análise sobre as diferentes formas de organização do espaço e do tempo e que podem ser trabalhadas na formação (inicial ou contínua) dos educadores de infância, como ponto de partida para uma maior reflexão sobre o trabalho desenvolvido nas salas de atividades.

É fundamental que a formação seja organizada de forma a conduzir a uma crítica-reflexiva, proporcionando ao educador instrumentos de análise que lhe permitam uma maior compreensão do seu trabalho ou, em outras palavras, citando Albano Estrela (1990), tomar uma maior consciência de si "em situação" (p. 19), para, a partir daí, ser capaz de ultrapassar algumas das dificuldades que afetam o desenvolvimento das suas práticas educativas.

Bibliografia

- Bronfenbrenner, U. (1981). L'écologie expérimentale de l'éducation. In: Beaudot, A., et al. (org.). *Sociologie de l'école pour une analyse de l'établissement scolaire*. Paris: Dunod, pp. 21-49.
- Dutilleul, M.; Gilabert, H. e Saussois, N. (1988). *Les enfants de 4 à 6 ans à l'école maternelle*. Paris: Armand-Colin Bourrelier.
- Estrela, A. (1990). Dos modelos de formação de professores ao Projecto FOCO. In: *Formação de professores por competências-Projecto FOCO*. Lisboa: Gulbenkian, pp.11-31.
- Hall, E. (1984). *La dance de la vie. Temps culturel, temps vécu*. Paris: Seul.
- Hohmann, M.; Banet, B. e Weikart, D. (1984). *A criança em acção*. Lisboa: Gulbenkian.
- Lurçat, L. (1976). *Uma escola pré-primária*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Sanchez, A. (1986). Organization del aula. In: *Enciclopedia de la educacion preescolar*, vol. II. Madrid: Diagonai/Santiilana, pp. 355-74.
- Silva, M. (1990). Uma experiência no âmbito da formação de educadores de infância. In: *Formação de Professores por Competências-Projecto FOCO*. Lisboa: Gulbenkian, pp. 47-77.
- Sylva, P.; Roy, C. e Painter, M. (1980). *Childwatching at playgroup in the nursery school*. London: Grant McIntyre.
- Smith, P. e Connolly, Y. (1980). *The ecology of preschool behaviour*. London: Cambridge Un. Press.